

EDUCAÇÃO E CULTURA: UMA ANÁLISE EM EDGAR MORIN NA PERSPECTIVA DOS POVOS ORIGINÁRIOS***EDUCATION AND CULTURE: AN ANALYSIS OF EDGAR MORIN FROM THE PERSPECTIVE OF ORIGINAL PEOPLES***Gabriele Camelo Moraes¹Kleidson Ribeiro Ayolphi²Matheus Eloy Trivelin Ramos³Ryan do Nascimento Ventura⁴Prof. Me. Paulo César Delboni⁵

RESUMO: Ao propor reflexões profundas sobre a educação, Edgar Morin, defende o pensamento integral, que permite ao homem concretizar uma meditação mais pontual, criticando a pedagogia atual por seu fracionamento radical do saber, que leva o indivíduo a entender o universo em que vive de forma facciosa, sem conexão com o universal. Percebe-se a classe escolar como uma entidade complexa, que engloba uma variedade de disposições, extratos socioeconômicos, emoções e culturas. É na sala de aula, que Morin enxerga um local impregnado de heterogeneidade, considerando este o espaço perfeito para iniciar uma transformação dos paradigmas, da maneira convencional de se pensar o ambiente escolar. Ao ligar a ideia de educação, cultura e as comunidades dos povos indígenas, elencamos sua importância sobretudo na transmissão da cultura, no vestir-se do homem histórico, trazendo em si seus ancestrais, ideias, costumes, embebedando com o saber o presente, e tendo visão de um futuro promissor.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: By proposing deep reflections on education, Edgar Morin defends integral thinking, which allows man to carry out a more specific meditation, criticizing current pedagogy for its radical fractionation of knowledge, which leads the individual to understand the universe in which they live in a factious, without connection with the universal. The school class is perceived as a complex entity, which encompasses a variety of dispositions, socioeconomic backgrounds, emotions and cultures. It is in the classroom that Morin sees a place full of heterogeneity, considering this the perfect space to begin a transformation of paradigms, in the conventional way of thinking about the school environment. By linking the idea of education, culture and the communities of indigenous peoples, we highlight their importance above all in the transmission of culture, in the dressing of historical man, bringing with him his ancestors, ideas,

¹ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil gabrielecamelo98@gmail.com

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil krayolphi@gmail.com

³ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil matheus.elay123@gmail.com

⁴ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil ryan.nas.ventura@gmail.com

⁵ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil pdelboni@salesiano.br

customs, imbuing the present with knowledge, and having a vision of a promising future.

Keywords: Education; Culture; Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

A construção da sociedade passa pelo ambiente escolar, sejam estes em grandes ou pequenas salas de aula, em cidades ou vilarejos. A educação é campo de construção participada, como vai ensinar Paulo Freire, ao desejar uma “educação libertadora”, que acolha a história e a cultura de cada pessoa, e introduzi-la no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que a sociedade é formada por diversas culturas e que essas possuem grande influência na formação humana. A escola é lugar socializador, que incorpora as diversas culturas, a fim de que haja um ambiente sociável onde todos possam manifestar seus ideais sem medo de serem tachados ou discriminados pela cultura que manifestam ou pertencem.

Destaca-se por meio deste projeto integrador de extensão, a importância da educação para as comunidades dos povos originários, que gira em torno da diversidade cultural onde estão inseridos. Sabemos que estes têm, por sua cultura e vivência, a integralidade da vida que está ligada com a natureza. A educação indígena, como forma de luta e de resistência, busca cada vez mais integrar sua metodologia como teoria e a prática, visando à criança utilizar da razão acompanhada da ação, através do ensino das disciplinas da sala de aula, e sobretudo das línguas guarani e tupiniquim, dos diversos tipos de trabalhos artesanais, das danças que retratam a resistência, das pinturas corporais que são manifestações próprias da vida indígena, estes povos transmitem sua cultura educacional às gerações mais novas.

Neste sentido, através da filosofia, que é uma porta aberta para reflexões e análises críticas e construtivas, sobretudo sobre as angústias da sociedade e do homem, buscou-se em conjunto com os processos educacionais, métodos didáticos, bem como outras temáticas relacionadas a pedagogia, fazer uma análise do pensamento de Edgar Morin no contexto educacional e cultural, e a educação escolar dos povos originários. Ainda, segundo o mesmo filósofo, o objeto essencial de todo ensino aprendizagem é a condição humana, que é por sinal complexa e abrangente. Toda a educação precisa ser integral, visando o todo do ser humano, seu caráter biológico, físico, psíquico, cultural, social e histórico. Toda forma de ensino deve ser baseada nesta condição de integralidade e essência do ser humano, não como aquele que tem todo o conhecimento, mas que está aberto a aprender com várias formas de aprendizado.

2 METODOLOGIA

Conforme Fonseca (2002), metodologia é o caminho a ser percorrido para a realização de uma pesquisa ou um estudo. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos e dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa. Considerando a pesquisa a ser desenvolvida em função deste Projeto Integrador de Extensão, a metodologia a ser empregada terá natureza qualitativa com pesquisa de campo e uma

abordagem bibliográfica. Conforme Gil (2009, p. 50), a pesquisa pode ser definida como um: [...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos [...].

No que diz respeito à natureza qualitativa, este projeto integrador de extensão buscará produzir um sentido e um significado filosófico sobre o objeto de análise aqui pretendido que permita o “[...] aprofundamento da compreensão [...]” (Goldenberg, 1999, p. 34) do tema ora abordado da cultura no processo de aprendizagem, em especial na cultura indígena, tendo por base o filósofo Edgar Morin. Ainda segundo Jardimino e outros, enquanto "o método quantitativo se preocupa com os traços individuais, com as relações causais, ou seja, com os "porquês" da ocorrência do fenômeno, o foco da pesquisa qualitativa está nas experiências individuais, no senso comum, com o "como" acontece o fato".

Em relação à pesquisa bibliográfica, essa tem como base o uso de materiais já publicados entre os quais se “[...] inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos” (Andrade, 2010, p. 29). Nossas principais fontes bibliográficas para o entendimento de nosso problema de pesquisa serão compostas das obras “Os sete saberes necessários à educação do futuro” e “O Método”, de Edgar Morin.

Foi realizado junto a Secretaria de Educação do município de Aracruz, localizada no norte do Espírito Santo, cidade do estado que possui escolas com educação escolar indígena, mais especificamente com o núcleo responsável pela educação indígena, uma pesquisa sobre o funcionamento do processo educacional dos Povos Indígenas incluindo: a integração da cultura indígena no processo de ensino aprendizagem, a valorização da historicidade Indígena nas salas de aula (lutas e resistências); conhecimento dos saberes fundamentais indígenas; e o ensino das línguas maternas na grade curricular. É válido destacar que o tema do presente projeto foi previamente apresentado aos representantes da educação escolar indígena da Secretaria de Educação de Aracruz, de onde discorreu todo o processo dialógico e ida às fontes necessárias para a esta pesquisa.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 EDUCAÇÃO E CULTURA

A educação e a cultura estão intrinsecamente ligadas e desempenham papéis fundamentais na formação de indivíduos e sociedades, se destacando sobretudo na transmissão do conhecimento, na cultura, na diversidade, na formação de valores, e refletem ainda na economia.

A educação é um processo, e envolve a transmissão de conhecimentos, valores e habilidades, e a escola, é espaço por excelência, de trocas culturais, bem como lugar de propagação e integração da cultura e do conhecimento. A cultura sem dúvida deve estar presente no ambiente escolar, pois ela também faz parte do processo de ensino aprendizagem, ela nutre, socializa e fornece ideias para um aprendizado, mas eficiente, como afirma Vygotsky. "A cultura cria formas especiais de comportamento,

muda o funcionamento da mente, constrói andares novos no sistema de desenvolvimento do comportamento humano”

A cultura é parte de nós, do mais íntimo, dela, somos criadores e propagadores, de forma que se manifestam de diversas maneiras. Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura.

Edgar Morin, filósofo, antropólogo e sociólogo, nascido em 8 de julho de 1921 na França, sendo autor de inúmeros livros na área da filosofia, entre eles: “O método” (contendo 6 volumes), “Os sete saberes para a educação do futuro”, “O homem e a morte”, entre outros, ao falar de um tema tão caro para si como a educação, compara a falta de diálogo internacional, ou até mesmo o social-familiar com a falta de uma educação de qualidade, pois, para ele é necessário ir à “luta” diante de uma situação adversa na qual estamos vivendo em nossa época.

Ao discorrer sobre a educação, Morin apresenta que ela deve ser um despertar para filosofia, para a literatura, música... como uma proposta de mudança para o cenário educacional atual. Propõe ainda, um modelo voltado para a educação de valores éticos, e estes, devem ser introduzidos às crianças logo cedo, com o intuito de fazer com que ela possa compreender a si mesma e assim, compreender a humanidade como espécie de um modo geral. Aqui está sua crítica! No trabalho de base, no alicerce fundante da educação que são as crianças. Para Morin:

Os jovens têm de conhecer as particularidades do ser humano e o papel dele na era planetária que vivemos. Por isso a educação ainda não está fazendo sua parte. O sistema educacional não incorpora essas discussões e, pior, fragmenta a realidade, simplifica o complexo, separa o que é inseparável, ignora a multiplicidade e a diversidade (Morin, 2016).

Ao tratar sobre interdisciplinaridade, Morin concorda que o professor deve ter consciência de sua disciplina, mas vendo e adaptando-a segundo sua realidade local, não se fechando apenas a sua área, pelo contrário, busca sempre oportunidades em outras áreas, para fortalecer o trabalho. Ainda, segundo Morin:

O professor de Literatura precisa conhecer um pouco de história e de psicologia, assim como o de Matemática e o de Física necessitam de uma formação literária. Hoje existe um abismo entre as humanidades e as ciências, o que é grave para as duas. Somente uma comunicação entre elas vai propiciar o nascimento de uma nova cultura, e essa, sim, deverá perpassar a formação de todos os profissionais (Morin, 2016)

Não se pode continuar pensando em uma educação, onde as matérias curriculares acabam permanecendo separadas, isso segundo o autor dificulta a compreensão e integração do estudante com os conteúdos. Não se pode pensar em um modelo de educação que não seja crítica, pois o conhecimento segundo Morin, não pode ficar preso às paredes da sala de aula, o professor é um dos protagonistas da relação do conhecimento, não o ponto final. Esta é a forma com que o aluno consegue se desenvolver e atingir seus objetivos acadêmicos e contribuindo assim para uma melhor sociedade em que está inserido. De acordo com Morin:

A figura do professor é determinante para a consolidação de um modelo “ideal” de educação. Através da Internet, os alunos podem ter acesso a todo o tipo de conhecimento sem a presença de um professor. Então eu pergunto, o que faz necessária a presença de um professor? Ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos. Por exemplo, quando um professor passa uma lição a um aluno, que vai buscar uma resposta na Internet, ele deve posteriormente corrigir os erros cometidos, criticar o conteúdo pesquisado. É preciso desenvolver o senso crítico dos alunos. O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças. (Morin, 2014)

Entendendo a cultura interligada profundamente na educação, o filósofo busca compreender a dificuldade humana de sair do “Eu” e caminhar rumo ao “Nós”, a coletividade necessária que forma uma comunidade, o que vai tornar o homem não só um reprodutor natural que serve apenas para aumentar a população mundial, mas que se desenvolve como promotor de uma sociedade que caminha rumo a um pleno progresso, não um progresso unicamente econômico e bélico, mas um progresso em que seja revelado de fato, um evoluir do homem moderno. Deve-se isso à sociedade, pois dela recebe-se a linguagem, cultura, valores. Nela o ser se encontra, vive e convive. É preciso ter cuidado com o risco de julgar culturas que não são as nossas como sendo negativas, como descreve Morin no Seminário “Cultura e Sociedade”:

Acontece quando cada cultura tem as suas normas, a sua maneira de organizar o conhecimento. Quando uma nova ideia aparece e não corresponde às ideias dominantes, que parecem evidências absolutas, nós sabemos que uma nova ideia será refutada como sendo um erro (Morin, 1999).

Nossa cultura “europeia” parece ser sempre e somente ela a correta e verdadeira, sendo que existem tantas possibilidades culturais que podem ser conhecidas sobretudo através da educação. No ano de 2009, em uma visita a escola indígena de Porteira no estado de Tocantins, à comunidade de índios Xerente, Edgar Morin, recebido com honras e “batizado” com o nome de *Wawekrurê*, tendo ficado maravilhado, se encantou com a forma de vida e tradições, e motivou-os a continuar nos trabalhos pela sobrevivência, não só a vida em si, mas cultural. Segundo Morin:

Eu sou muito dedicado aos povos indígenas. Vocês devem preservar sua cultura, conservar a língua, os ritos, a dança e manter essa relação harmoniosa com a natureza. Os povos indígenas é o que há de mais sagrado para a humanidade (Morin, 2009).

Uma cultura que se valoriza e valoriza os seus sempre é bem-vinda, os povos originários para Morin são um grande exemplo dessa manutenção e propagação de um forte e exemplar modelo de se viver, um modelo que promove o contato com a terra e cuidado com a mãe natureza, quando isso se aplica na educação, as pessoas conseguem viver melhor segundo preceitos como esses, e assim o homem pode continuar seu processo evolutivo sempre buscando ser melhor do que já foi, porque cuidando melhor de si, o seu meio ambiente o propicia tal movimento.

3.2 POVOS ORIGINÁRIOS: HISTÓRICO, LUTA E RESISTÊNCIA

Ao escutar as vozes que anunciavam o “terra à vista”, ancorar seus navios e desembarcarem no litoral das Terras de Santa Cruz, mais tarde Brasil, em expedição realizada por Pedro Álvares Cabral, os portugueses encontraram um “novo” território, que já estava povoado por homens e mulheres que ainda desconheciam a escrita, a fala, ou costumes europeus, mas com cultura diversificada, na comunicação, linguagem e costumes próprios, porém diferentes aos que os visitantes, ou colonizadores, eram acostumados.

Os povos originários têm suas raízes fundadas na alegria, memória e na resistência, palavras fortes e que são grandes destaques em sua identidade cultural. Destaca-se, em primeiro plano, a alegria de ser um povo livre, pela pertença a Mãe Terra, e de forma recíproca, ela pertencer ao povo, mas com respeito e veneração. Em segundo plano, por levar em seus ombros, a memória de um passado sofrido, nas tentativas de defesa e proteção de suas comunidades, mas também de vitórias. E ainda, em terceiro plano, a resistência de continuar a transmitir às novas gerações, sua cultura e língua, sem abandonar o legado construído nos 524 anos de “descobrimento” do Brasil. Segundo Olivieri (2014, p. 3)

Estima-se que os índios brasileiros fossem entre um e cinco milhões. Os tupis ocupavam a região costeira que se estende do Ceará a Cananeia (SP). Os guaranis espalhavam-se pelo litoral Sul do país e a zona do interior, na bacia dos rios Paraná e Paraguai. Em outras regiões, encontravam-se outras tribos, genericamente chamados de tapuias, palavra tupi que designa os índios que falam outra língua.

Ao recordar alguns traços de sua história, os povos originários, possuíam inúmeras extensões de terras, em diversos estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, sendo paulatinamente expulsos, enganados através de trocas das especiarias por trabalhos, ou mesmo, quantidades de terra, e mais, por violentas guerras, conflitos e perseguições, dando lugar a grandes fazendas, plantações, ou mesmo grandes empresas e indústrias.

Em números, segundo dados do IBGE referente ao ano de 2022, o Brasil possui uma extensão territorial de 851.196.500 hectares, sendo que as terras indígenas somam 787 áreas, ocupando uma extensão total de 118.294.484 hectares. Assim, 13,9% das terras do país são reservadas aos povos indígenas. Atualmente, segundo os mesmos dados, existem no Brasil aproximadamente 1.693.535 pessoas que se denominam indígenas, e no estado do Espírito Santo vivem 14.411, sendo que em sua maioria, cerca de 4mil habitantes, residem em aldeias no município de Aracruz, região norte o estado do Espírito Santo. Olhando o atual cenário, são poucos, tendo em vista o que foi encontrado no início da colonização europeia, que perseguiu e quase os aniquilou, assim como os costumes, ritos e língua dos povos originários.

Os povos originários possuem um respeito especial com a Mãe Terra, sendo estes considerados “filhos da terra” e conscientes de que ela é direito de todos, não visando o lucro, ou o capitalismo selvagem, mas visando o cuidado, a proteção e a conservação para futuras gerações. Lógica esta que vai de contracorrente ao acúmulo de bens e consumismo, principalmente ao individualismo.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no texto base para a Campanha da Fraternidade para a quaresma de 2002, promovido pela Igreja Católica, vai dizer que “o ‘lucro’ está na conquista e retomada de espaços de vida e no orgulho de

pertencer a um povo indígena, na autoestima da comunidade, não na acumulação de bens ou no negócio de alguns”.

Pelo fato de a terra ser importante para a comunidade, ela precisa ser cuidada com as devidas exigências: tem tempo para plantar, para colher, para o seu próprio descanso. A terra não é vista como um sistema lucrativo, de mercado, ela traz o sustento de muitos dentro da aldeia, e por mais que possa produzir muitos frutos, ela precisa ter seu tempo de descanso. Este é um cuidado valioso que cada tupiniquim carrega consigo. Também, a vivência em comunidade, é chave da existência dos povos indígenas, pois estes preservam sua tradição e seus valores passando assim, para os mais novos na aldeia.

Segundo Reale (1990, p. 264):

O homem estende imediatamente a *oikeíosis* aos filhos e aos seus parentes e mediatamente a todos os seus semelhantes. Em suma: é a natureza que, como impõe o amar a si mesmo, impõe também amar aos que geramos e aqueles que os geraram e é a natureza que impulsiona o indivíduo a unir-se aos outros e a ser útil aos outros.

Além do prisma da vida em comunidade, a organização dentro da aldeia também é um ponto essencial. Todas as pessoas estão inseridas no processo de ensino aprendizagem, de diversos jeitos e em vários momentos na vida, seja no artesanato, nas danças e tradições, como também, na educação infantil e na adolescência. Todas as aldeias possuem escolas de ensino fundamental, e em algumas, também a de ensino médio. Nelas, as crianças são encaminhadas desde pequenos, para o ensino regular, e que além deste, aprendem as línguas guarani ou tupi, que são usadas pelo seu povo, protegendo a cultura e tradições da comunidade.

Os professores são capacitados e escolhidos para dar aula nas aldeias, e levam para dentro da sala de aula a prática do cuidado para com a terra, o zelo pelo ambiente onde vivem, a história da comunidade e sobretudo a de seus antepassados, trabalhos artesanais típicos de uma arte carregada de respeito pela cultura, e traços marcantes e significativos. Para os povos originários, entre eles, os povos tupiniquins, é muito importante o espírito de unidade, de pertença, pois o Deus criador, Tupã os criou como irmãos e irmãs.

Há ainda, é fortemente, nas aldeias o patriarcalismo, e, nas mudanças de tempo e da sociedade, é notório perceber, que as mulheres estão cada vez mais tendo voz e vez, e não é diferente dentro de algumas aldeias, tendo em vista que já assumem postos importantes, sendo exemplo, a aldeia Tupiniquim de Irajá, em Aracruz, que pela segunda vez, chegou ao posto de cacique, destacando e valorizando também a mulher em funções de destaque na aldeia indígena.

Neste ofício, cumprem sua função de deliberar as inúmeras áreas dentro da aldeia como a saúde, educação, entre outros. É notório perceber que o (a) cacique não toma nenhuma decisão sozinho (a), mas tem para si, um grupo de representantes que atua como um conselho comunitário, para o auxiliar no cumprimento do seu ofício, isto é, para além das deliberações, ser ponte de união entre todos, apaziguar os conflitos internos. Ainda vão escrever os bispos do Brasil, no texto base da campanha da fraternidade, da CNBB (2002, p. 25), “Os líderes e chefes escolhidos são, antes de

tudo, guardiões do bem-estar da coletividade e não detentores de privilégios individuais”.

Assim como nas várias comunidades ou grupos étnicos, os povos originários seguem um calendário de festa e de ritos, que vão nortear a vida da comunidade. Com apresentações culturais, que às vezes podem durar de dois a três dias, regida pelo toque do tambor, ou por bandas de congo, a pintura corporal, recordando a história nos traços e cores que dão significado e representatividade de paz, luta e resistência. A dança é presença forte nas celebrações e festividades, e os instrumentos como o tambor, chocalhos e outros, ajudam a fortalecer e marcar o ritmo corporal na dança, além disso, tem um forte peso educacional na vida indígena, pois a vida comunitária não reprime a espontaneidade, pelo contrário, a fortalece.

Em sua relação com a natureza, conquistaram grande sabedoria, uma vez que, zelosos para com a terra, conhecedores das plantas e de suas medicinas, e neste meio, o saber diferenciar o que é medicinal para os seres humanos, para os animais e ainda aquelas sementes que podem ser usadas para a arte, bem como para a alimentação. Todo o povo originário tem muito a nos ensinar com suas atitudes ecológicas, sua riqueza espiritual e cultural, e por serem o “reflexo da terra”, como afirmou o Papa Francisco (2018) em seu discurso por ocasião de sua visita a Puerto Maldonado, dirigindo-se aos indígenas:

Obrigado pela vossa presença e por nos ajudar a ver mais de perto, nos vossos rostos, o reflexo desta terra. Um rosto plural, de uma variedade infinita e de uma enorme riqueza biológica, cultural e espiritual. Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos de vossa sabedoria e de vossos conhecimentos para podermos penetrar – sem o destruir – o tesouro que encerra esta região.

Uma espiritualidade ecológica e tudo o que a abarca a Mãe Terra, faz parte do sangue dos povos indígenas. Com eles aprendemos o zelo, amor e cuidado para com a natureza que é sagrada. Uma nova forma de viver é possível, e está se dá na preservação da vida no planeta.

3.3 O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 (2011, p. 43) no seu artigo 2º, está previsto que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Os deveres de ambas as partes vêm para assegurar a formação e desenvolvimento do indivíduo, dando uma base para sua formação. O dicionário de Língua Portuguesa, Houaiss (2004, p. 265) assim define educação, como um “processo para o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano”. A Constituição Brasileira, em seu artigo 205, afirma que, a educação é um direito de todo o cidadão, seja em qualquer ou determinada região do país, e este processo de formação é o que vai constituindo a sociedade.

Segundo Nérici (1998, p. 13),

Educação é um processo que visa a explicitar as virtudes do indivíduo, em contato com a realidade, a fim de levá-lo a atuar nessa mesma maneira consciente, eficiente e responsável, tendo em vista atender as necessidades pessoais, sociais e transcendentais da criatura humana.

Neste processo de formação das virtudes do indivíduo, em transmissão direta com o que nos cerca e nos forma na realidade, é que vamos desenrolando o processo de constituição de Educação em nosso País. Assim, a sociedade está cercada de transformações, e com o passar dos anos vão se cobrando, tanto para formação, como para a constituição da vida digna, nos ambientes sociais, que se almeja cidadania, e tudo isso, passa pelas quatro paredes da sala de aula, onde o ambiente é propício para a constituição das características transformadoras.

Assim, segundo Freire (1980, p. 39),

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...].

Com estas transformações, é necessário que a educação esteja voltada para se adaptar às realidades presentes, sejam nas novas tecnologias, quanto para a necessidade de levar o conhecimento para todas as pessoas, de todas as idades. Sendo assim, os valores que saem das famílias e se encontram na sala de aula vão constituindo na pessoa humana características de responsabilidade, tornando-o cidadão corresponsável, sujeito de ações e de funções coerentes a transformação e melhoria para um mundo novo.

É através da educação, organizada em seus pilares, que a sociedade é construída. Neles estão as bases iniciais para que contemplando o presente e o enriquecendo com os saberes necessários, se enxergue o futuro. Elaborados em 1999 por Jacques Delors, e publicado no relatório “Educação: um tesouro a descobrir”, os pilares da educação definem os aprendizados considerados essenciais para que as crianças se desenvolvam cognitivamente e socialmente. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Dessa forma, o aprendizado é completo englobando o aprendizado citado no currículo e práticas de respeito, ética, moral e capacidade de pensar nos acontecimentos ao seu redor.

Educação também que é força, é luta, é “resistir para existir”, como acontece nos últimos vinte e cinco anos com as comunidades dos povos originários de Aracruz, quando, a partir do processo educacional, ensinam e transmitem o conhecimento de gerações, que resiste ao longo dos últimos 5 séculos na história do Brasil. A Educação Escolar indígena é uma modalidade da educação básica que garante aos indígenas, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas, reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências, bem como o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

É na Constituição Federal Brasileira de 1988, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que a Educação Escolar Indígena é assegurada, no que assegura às comunidades indígenas o direito à educação diferenciada, específica e bilíngue. Outro documento importante é a Convenção 169 da

Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada no Brasil por meio do Decreto nº 5.051/2004, bem como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas de 2007.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissociação entre cultura e educação é o mesmo que negar a realidade, pois uma educação que não tem raízes na realidade, que não dialoga com as potências e carências de cada tempo e sociedade está fadada a um mero processo de “cumprimento de exigências pré-estabelecidas” e não está colocando em evidência a sua essencialidade. Portanto, o processo educacional que dialoga com as nuances de cada tempo e povo é capaz de formar verdadeiramente e, além do mais, gerar consciência. Edgar Morin defende que se faz imprescindível na educação para o futuro a ligação do conhecimento das ciências naturais com a cultura, que é o conjunto de manifestações humanas produzidas pela convivência em sociedade.

Tendo como embasamento a educação indígena, trazida como um dos fundamentos deste projeto, vemos que a cultura dentro da dinâmica de ensino-aprendizagem é uma forma de manter a própria história viva, e, sem dúvidas, uma maneira de resistir a todo o tipo de negação, que por séculos aconteceu com estes povos e ainda hoje reverbera na sociedade. Estes Povos foram vilipendiados e levados a acreditar que sua forma de ser e educar era errada e que precisavam seguir os “padrões eurocêntricos”. Com isso, vemos que ensinar através da própria cultura é dar a liberdade para esse povo poder se expressar ainda mais, já que por séculos sua voz vem sendo calada. Essa abordagem holística não só beneficia os estudantes indígenas, garantindo que sua herança cultural seja valorizada e transmitida, mas também enriquece a experiência educacional de todos os alunos, promovendo a diversidade e o respeito mútuo.

Para que a educação seja vivida em sua completude é de suma importância que a cultura de cada povo seja considerada como uma forma de preservar sua identidade, por exemplo, ela é o caminho para os povos originários preservarem diversos saberes como: suas línguas, danças, tradições orais, artesanato, relações com a terra, história de lutas e resistência e visões de mundo. Valorizar a educação de cada povo é reconhecer e integrar a riqueza de seus conhecimentos tradicionais e perspectivas no sistema educacional. Isso significa criar um ambiente de aprendizado que seja verdadeiramente inclusivo e intercultural, onde os saberes dos povos originários são ensinados e respeitados, bem como das demais culturas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais:** educação básica. Conselho nacional de educação, Brasília 2000.

CANDAU, Vera Maria Ferrão – Educação, escola e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, 2003.

CNBB. **Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2002.** São Paulo: Salesianas. 2001.

COLATINA, Diocese. **A causa indígena é de todos nós.** Colatina, 2023. Círculo Bíblico – Pastoral Indigenista. Sem edição, circular.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCISCO P. **Exortação Apostólica Laudate Deum.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html Acesso em: 24 de abr. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança.** 13a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Globo, O. (s.d.). **A Educação não pode ignorar a criatividade das crianças.** Fonte. O 1000. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748> Acesso em: 15 de mai. 2024

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JARDILINO, José Rubens; ROSSI, Gisele; SANTOS, Gérson Tenório. Orientações Metodológicas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. São Paulo: Gion, 2000 (p.35-39 e 48-49)

Lima, J. d. (26 de junho de 2009). **Edgar Morin se encanta com os indígenas.** Fonte: Governo de Tocantins: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/edgar-morin-se-encanta-com-os-indigenas/7qi8bdl6n0ly> Acesso em: 24 de abr. 2024.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **O verdadeiro papel da educação.** Revista Fronteiras. 2016. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/leia/exibir/edgar-morin-o-verdadeiro-papel-da-educacao> Acesso em: 24 de abr. 2024.

_____. **Cultura e Sociedade:** A Complexidade Humana: Compreensão Ética para entrar no Terceiro Milênio – SESC – São Paulo. Disponível em: <https://edgarmorin.sescsp.org.br/categoria/palestra/4-cultura-e-sociedade-a-complexidade-humana-compreensao-etica-para-entrar-no-terceiro-milenio> Acesso: 28 de abr. de 2024

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Didática:** uma introdução. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1988.

OLIVEIRI, Antonio Carlos. **Índios – O Brasil antes do descobrimento.** Pedagogia e Comunicação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimento.htm> Acesso em: 12 de maio de 2024.

REALE; ANTISERI; **História da filosofia**, São Paulo, 1990

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano Municipal de educação.** Aracruz: SEMED, 2004.